

O pluralismo crítico de Bruce Caldwell: um primeiro passo em direção a uma economia pluralista

Bruce Caldwell's critical pluralism: a first step towards a pluralist economics

Marcelo de Carvalho Azevedo Anache

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Faculdade de Ciências Contábeis e Administração de Empresas, Fundação Técnico Educacional Souza Marques

anache@ufrj.br

orcid.org/0000-0002-8291-576X

Luiz da Costa Laurencel

Faculdade de Administração e Finanças, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

luizlaurencel@gmail.com

orcid.org/0000-0002-6167-5648

Resumo. O presente artigo destaca os principais aspectos teóricos desenvolvidos por Bruce Caldwell em seu Pluralismo Crítico. A escolha de Caldwell advém de sua importância como precursor do Pluralismo na Economia, o que possibilitou abrir caminho por apelos em prol de uma ciência econômica pluralista, presentes em publicações e movimentos em universidades pelo mundo há aproximadamente quatro décadas.

Palavras-chave: Economia pluralista. Bruce Caldwell. Pluralismocrítico.

Abstract. This article highlights the main theoretical aspects developed by Bruce Caldwell in his Critical Pluralism. Caldwell's choice stems from its importance as a precursor to Pluralism in Economics, which made it possible to pave the way for calls for a pluralist economic science, present in publications and movements in universities around the world for approximately four decades.

Keywords: Pluralist economics. Bruce Caldwell. Criticalpluralism.

Recebido: 01/10/2017 Aceito: 27/10/2017 Publicado: 05/11/2017

1. Introdução

Como contraponto ao dogmatismo instaurado na ciência econômica, alguns autores seguem questionando o predomínio do *mainstream*, com o objetivo de abrir espaço para as discussões geralmente heterodoxas, ao mesmo tempo em que promovem debates que questionam a forma com que o ensino e as pesquisas em Economia se organizam. Esses questionamentos, quase sempre, têm um viés pluralista como pano de fundo, em busca do restabelecimento da conexão entre a teoria e a realidade, tal que a ortodoxia ceda espaço às correntes excluídas, admitindo não apenas um espaço marginalizado para a heterodoxia, mas sim que seja possível alcançar o objetivo final de atingir o pluralismo nas abordagens em Economia.

O objetivo desse artigo é apresentar o autor considerado por boa parte da literatura como o precursor do pluralismo, o professor e historiador do pensamento econômico Bruce J. Caldwell, e destacar a importância da sua proposta prescritiva do Pluralismo Crítico em inaugurar uma discussão que levaria, anos depois, a publicações de vários pesquisadores e movimentos em universidades em prol de um ensino mais pluralista da ciência econômica.

2. O Pluralismo Crítico de Bruce Caldwell

A escolha de Bruce Caldwell advém de sua importância como precursor do Pluralismo na Economia. Caldwell ganha esse status após a publicação de seu livro *Beyond Positivism*, em 1982.

Caldwell (1994 [1982]) inicia seu livro, mais precisamente em seu prefácio, comentando da motivação para a consecução da sua pesquisa. Havia nesta época uma lacuna em termos de textos direcionados para os economistas que se preocupavam com o estudo da metodologia econômica. A literatura que se debruçava sobre a metodologia econômica, em sua maioria, abrangia questões filosóficas, entretanto sua produção se encontrava amplamente dispersa. Não é à toa que a primeira parte do livro se dedica a filosofia da ciência.

Mais especificamente, a primeira parte de seu livro é dedicada ao relato sobre a história da filosofia da ciência no século vinte, partindo do Positivismo Lógico com o Círculo de Viena, passando pelo Empiricismo Lógico, pelo falsificacionismo de Karl Popper (1902-1994) e concluindo com os filósofos da chamada Tradição do Conhecimento, Thomas Kuhn (1922-1996), Paul Feyerabend (1924-1994) e Imre Lakatos (1922-1974).

Caldwell (1994 [1982]) salienta ao final dessa primeira parte os “germes” que teriam contribuído para um declínio do positivismo. O que se destaca é o espírito dogmático com que os positivistas agiam, pois se recusavam a permitir que elementos qualitativos e subjetivos entrassem em suas reconstruções racionais da ciência, limitando suas

análises e criando lacunas em suas descrições da ciência. Em última análise, os positivistas:

Em sua busca por conhecimentos certos ou prováveis - sejam aquelas declarações verificáveis ou falseáveis, ou hipóteses que são prováveis em um grau elevado e numericamente especificado - eles falharam em ver que as decisões mais importantes tomadas na ciência, e estas incluem a escolha sobre a própria direção da ciência em si, são, em última análise, feitas por homens que deveriam estar cientes de sua própria falibilidade, mas que esperançosamente tentam ser racionais de qualquer maneira (CALDWELL, 1994 [1982], p. 90, tradução nossa).

Como alternativa à visão positivista, a dita Tradição do Conhecimento amplia drasticamente o número e tipos de método de investigação permitidos dentro da filosofia da ciência. Isto é, a disciplina não deve mais se restringir a análises lógicas de explicação, confirmação e estruturação teórica, mas também incluir investigações de ampla gama de atividades científicas, como existe dentro das disciplinas isoladas. Para Caldwell,

A principal diferença entre as abordagens mais contemporâneas e as dos positivistas é que as primeiras enfatizam o papel (específico) da história da ciência como uma verificação para testar as reconstruções racionais dos filósofos (CALDWELL, 1994 [1982], p. 90, tradução nossa).

A segunda parte de *Beyond Positivism* se propõe a analisar, através de uma coleção de ensaios críticos, alguns dos principais trabalhos metodológicos da era positivista na Economia. O objetivo foi examinar as obras dos metodólogos da Economia sob o ponto de vista da filosofia da ciência. Caldwell (1994 [1982]) aborda os debates de Lionel Robbins (1898-1984) e Terence Hutchison (1912-2007) sobre o *status* dos postulados fundamentais da Economia e o método apropriado de análise econômica; o debate de Terence Hutchison e Fritz Machlup (1902-1983) sobre a necessidade de testar suposições; a contribuição única de Milton Friedman (1912-2006), rotulada de instrumentalismo metodológico; e o apoio de Paul Samuelson (1915-2009) ao operacionalismo e ao descritivismo. Todos esses autores procuraram encontrar bases definitivas e estabelecer os cânones de uma Economia ideal, porém essa tarefa se mostrou incompleta.

Na terceira e última parte de seu livro, o economista precursor do pluralismo tenta responder a seguinte questão: a filosofia da ciência é uma ferramenta útil para entender a metodologia econômica? Caldwell (1994 [1982]) se utiliza de um exame detalhado da era “positivista”¹ na metodologia da Economia, vista da perspectiva da filosofia da ciência do século XX, na tentativa de responder tal questão.

¹Caldwell (1994 [1982]) aponta que nenhum dos metodólogos da economia listados em seu livro parecia capaz de concordar sobre o que significa ser um positivista.

Caldwell (1994 [1982]) ao avaliar a literatura metodológica da Economia descobriu muitas ambiguidades, já que enquanto muitos metodólogos da Economia tinham uma compreensão mais sólida sobre as questões filosóficas, outros não possuíam. Em suas palavras:

Ao avaliar a utilidade de um conhecimento da filosofia da ciência para uma compreensão da metodologia econômica, descobrimos que a velha noção de que um pouco de conhecimento é perigoso parece inteiramente apropriada: a filosofia da ciência, tomada em pequenas doses, ajudou a enlamear o pensamento de muitos dos metodólogos "positivistas". No entanto, nosso estudo também demonstrou que uma compreensão mais completa das questões filosóficas permite separar argumentos distorcidos, separar debates semânticos daqueles que são mais substantivos, esclarecer posições ambíguas e sistematizar uma literatura que, em um primeiro exame, pode parecer falta de coerência (CALDWELL, 1994 [1982], p. 213-214, tradução nossa).

O autor acredita que, embora o erro possa ser eliminado, há um desejo pela emergência de uma metodologia única. Entretanto, para ele seria muito lamentável, pois levaria a uma padronização direta e dogmática do processo científico em Economia. Assim sendo, não se deve esperar (e certamente não é bem-vinda) uma metodologia única e definitiva a ser implementada quando ferramentas filosóficas são aplicadas à metodologia econômica.

Retornando a filosofia da ciência, para o economista precursor do pluralismo a contribuição mais significativa do crescimento dos “filósofos do conhecimento” foi a demonstração de que a busca por uma metodologia científica única, universal e prescritiva é quixotesca. O confirmacionismo não fornece algoritmos logicamente atraentes de escolha. O instrumentalismo só é viável naquelas situações em que a adequação preditiva é o único objetivo. E o falsificacionismo de Popper, embora reconheça o problema da indução e busque apenas eliminar o erro, esbarra em problemas na aplicação quando estritamente interpretado e perde a força prescritiva quando interpretado de forma imprecisa.

Após reconhecer que as tentativas de aplicação de um critério de demarcação através da filosofia da ciência não obtiveram êxito, Caldwell (1994 [1982]), no último capítulo de *Beyond Positivism*, questiona qual deve ser o papel do metodólogo a partir dessa constatação. Para ele a tarefa do metodólogo incluiria:

(...) promover o entendimento do processo científico entre os membros de sua profissão; sistematizar o jargão; racionalmente reconstruir o conteúdo metodológico de vários programas de pesquisa; promover um ambiente em que tanto a novidade como a crítica possam operar livremente. Poucos, penso eu, discordariam da conveniência de tentar alcançar tais objetivos (CALDWELL, 1994 [1982], p. 245, tradução nossa).

Assim sendo, a abordagem metodológica que Caldwell defende é rotulada como “pluralismo metodológico”, porque parte do pressuposto inicial de que não existe um método de avaliação teórico que seja universalmente aplicável e logicamente convincente. Ainda segundo ele, mesmo que exista tal método, nunca teríamos certeza de que o encontramos, mesmo que tenhamos (CALDWELL, 1994 [1982]). Posteriormente, Caldwell (1990, p. 65, tradução nossa) rebatiza sua visão ao afirmar que a posição que defende é “(...) provavelmente mais bem apelidada de pluralismo crítico”. Essa afirmação não representa nenhum tipo de mudança em suas ideias, mas apenas enfatiza a importância da crítica enquanto critério de avaliação.

Por conseguinte, o objetivo com a obra *Beyond Positivism* era esclarecer a finalidade do trabalho metodológico. Para isso Caldwell (1988) propunha familiarizar os economistas com os desenvolvimentos do século vinte dentro da filosofia da ciência, enfatizando os problemas atuais enfrentados nesse campo. Além disso, ele pretendia, com o uso da filosofia da ciência, explicar vários debates metodológicos entre os economistas do *mainstream*. Em suma, *Beyond Positivism* pretendia levantar questões como: o que está além do positivismo? Como se deve fazer o trabalho metodológico na era pós-positivista?

De uma perspectiva mais global, o pluralismo de Caldwell crê que a finalidade primária do trabalho metodológico na Economia é melhorar a compreensão do que é a ciência econômica e, com sorte, aperfeiçoá-la. Para realizar esses objetivos, o pluralista empreende avaliações críticas de forças e limitações de vários programas de pesquisa na Economia e na metodologia econômica. Finalmente, novidade e crítica são ambos importantes para o pluralismo. Uma regra que captura satisfatoriamente a posição pluralista é: “buscar novidade e continuamente tentar reduzi-la através da crítica” (CALDWELL, 1988, p. 235, tradução nossa).

Caldwell (1988) explicita que a crítica não é realizada com o propósito de descobrir ou aplicar algum critério universal de demarcação, o que deixa bem claro que seu objetivo não é resolver o problema da demarcação. A questão a ser levantada era como então saber o que valeria como Economia se não houver a tentativa de solucionar o problema da demarcação.

O pluralismo metodológico observa os profissionais da Economia e suas discordâncias para poder compreendê-la. Por exemplo, um observador casual da disciplina é capaz de discernir um enorme e amorfo *mainstream*, que está cercado de todos os lados pela heterodoxia, um grupo tão diverso que algumas vezes parece que somente a ligação entre eles é uma insatisfação com a análise do *mainstream*.

A pergunta que resta a fazer é: quais grupos devem ser incluídos? A metodologia pluralista entende que todos os grupos devem ser levados em consideração, pois ela incentiva tanto as novas abordagens para a teorização da Economia quanto a defesa da

ortodoxia contra os ataques que tais novidades trazem. Isto é, somente através do choque constante de uma diversidade de ideias é que posições se tornam nitidamente definidas, inteligíveis e compreendidas. Em resumo, Caldwell (1988, p. 236, tradução nossa) coloca: “(...) eu estou afirmando que muito pode ser ganho ao desviar nosso foco de atenção da questão filosófica da demarcação e em direção à preocupação mais prática com as formas de crítica”.

Embora o método de Caldwell pretenda atenuar o caráter prescritivo da metodologia popperiana, o seu prescritivismo se reproduz, *lato sensu*, com aspectos de orientação metodológica. Outra observação a ser feita se refere à última frase de *Beyond Positivism*, onde Caldwell (1994 [1982], p. 252, tradução nossa) escreve: “(...) E com sorte, essa percepção pode levar a uma ciência melhor e, certamente, mais honesta”. Por esse trecho entendemos que o discurso crítico também está compreendido por uma posição ética.

Caldwell (1994 [1982]) descreve quais devem ser as quatro tarefas específicas do metodólogo da Economia que atua na vertente do pluralismo metodológico. Essas amplas prescrições podem ser elencadas da seguinte forma: 1) Reconstrução racional do conteúdo metodológico das teorias e dos programas de pesquisa, tratando cada reconstrução de forma explicitamente clara; 2) Avaliação crítica do conteúdo metodológico revelado na reconstrução racional, apontando os pontos fortes (se houver) e as limitações do objeto em análise; 3) Discussão crítica sobre os pontos fortes (se houver) e as limitações das posições metodológicas racionalmente reconstruídas sob exame; e 4) Avaliação metodológica de programas alternativos de pesquisa, cujos fundamentos epistemológicos e metodológicos diferem radicalmente daqueles da teoria *mainstream* (ortodoxa), com o fito de criticá-los em seus próprios termos, ou ainda, por falhar em não demonstrar como podem ser comparados a outros programas.

Podemos então, esboçar uma esquematização do pluralismo crítico de Caldwell conforme a Figura 1.



Figura 1 - As tarefas do metodólogo em Caldwell

Fonte: Borba (2013, p. 39)

Em resumo, as prescrições metodológicas do pluralismo são definidas por Caldwell no final de *BeyondPositivism*:

(...)Pluralismo metodológico [crítico] parte do pressuposto que nenhuma única metodologia correta pode ser descoberta. A reconstrução racional, seja de programas de pesquisa em teoria econômica ou dos escritos de metodólogos da Economia, é o primeiro passo da análise. Uma vez que tais reconstruções podem ser empreendidas a partir de uma variedade de pontos de vista, o metodólogo deve deixar explícito qual é seu arcabouço teórico para a análise. A crítica dos elementos que foram reconstruídos é feita então conforme esse arcabouço(CALDWELL, 1994 [1982], p. 250, tradução nossa).

Após descrever sinteticamente as orientações metodológicas do pluralismo, fica perfeitamente esclarecido que o âmago da proposta de Caldwell repousa na crítica racional e sistemática como instrumento de superação ao dogmatismo.

Voltando a questão da reconstrução racional, deve-se enfatizar que ao explicitar os objetivos de uma dada reconstrução é possível permitir que os críticos percebam se tais objetivos foram alcançados e se outras abordagens são factíveis. Em relação à avaliação e discussão crítica, Caldwell (1994 [1982]) defende que a discussão metodologia não é um trabalho inútil e que o papel do metodólogo é, primeiro, mostrar que não existe um método único e, por fim, demonstrar que críticas e debates frutíferos são possíveis e podem obter resultados mesmo que não haja solução para o problema da escolha da teoria.

Por fim, enfatizando a última das quatro prescrições de Caldwell, Bianchi (1992) destaca que as vantagens seriam promover a novidade na ciência, estimular a crítica não

dogmática e diminuir a incomensurabilidade entre teorias e promover o diálogo entre diferentes programas de pesquisa. Com o intuito de sustentar esta orientação metodológica através da apreciação do conteúdo crítico, Caldwell (1994 [1982]) ofereceu uma distinção entre crítica externa e crítica interna.

No que concerne à crítica externa, esta se denota por desafiar os fundamentos epistemológicos de um determinado programa de pesquisa. Ou seja, esse tipo de crítica ocorre quando as metodologias dos campos de pesquisa opostos são fundadas em sistemas epistemológicos rivais. Isso pode levar as contribuições dos programas de pesquisa alternativos a serem ignoradas ou rotuladas de inconsequentes. Em outras palavras, quando os opositores desses programas alternativos avaliam seus fundamentos epistemológicos como ininteligíveis, eles estão desafiando as restrições epistemológicas situacionais que seus adversários avançaram. Para Caldwell (1994 [1982]), esta tarefa já seria ambiciosa demais pensando nos filósofos profissionais, quanto mais para os economistas. Além disso:

Essa crítica é baseada em uma teoria epistemológica alternativa, que rejeita uma abordagem priorista dos fundamentos do conhecimento científico. Uma vez que cada campo possui uma teoria epistemológica rival, a crítica externa que simplesmente postula uma teoria como correta, então acha que todos os pontos de vista antagônicos são insuficientes, e que dificilmente pode ser considerado convincente. No mínimo, uma comparação só pode ser feita adequadamente depois que as forças e fraquezas relativas das teorias epistemológicas concorrentes forem cuidadosamente investigadas (CALDWELL, 1994 [1982], p. 248-49, tradução nossa).

No que tange a crítica interna, a mesma se caracteriza quando os propósitos, objetivos e metodologia de uma abordagem específica são considerados como dados, e então o programa de pesquisa é avaliado em seus próprios termos. As vantagens da crítica interna são várias, dentre elas permitir uma conversação mais focada entre os possíveis debatedores, mantendo o diálogo de um com o outro e não além um do outro, evitando, inclusive, os debates semânticos. Mais ainda, a crítica interna apresenta a vantagem de que, se bem-sucedida, possivelmente, provocaria maior reflexão por parte dos proponentes de um programa, forçando-os na direção do estabelecimento deste em bases mais fortes.

A crítica interna é cabível e oportuna em todos os momentos da ciência, posto que o dogmatismo é uma atitude anticientífica por excelência. Nas palavras de Caldwell (1994 [1982], p. 249, tradução nossa) “a crítica interna como arma estratégica é mais poderosa quando bem-sucedida do que a crítica externa, uma vez que leva em consideração os objetivos teóricos e as restrições situacionais de um adversário”.

Caldwell (1994 [1982]) também adiciona que os diversos programas de pesquisa, proponentes de teorias, devem estar abertos às críticas, apresentando suas construções

teóricas e demonstrando como as mesmas podem ser comparadas com as dos seus concorrentes, pois do contrário não conseguirão atrair adeptos.

Enfim, com a reconhecida ausência de um critério epistemológico de julgamento sobre as posições metodológicas, isto é, sem critérios para a escolha de teorias rivais, restou para Caldwell admitir o pluralismo e crer que a coexistência de teorias e métodos diferentes é benéfica para o desenvolvimento da ciência. Assim sendo, em função da incerteza sobre o critério de decisão na escolha da teoria, o pluralismo se posiciona em um nível metametodológico. A figura 2 procura sintetizar a estrutura do pluralismo crítico de Bruce Caldwell.

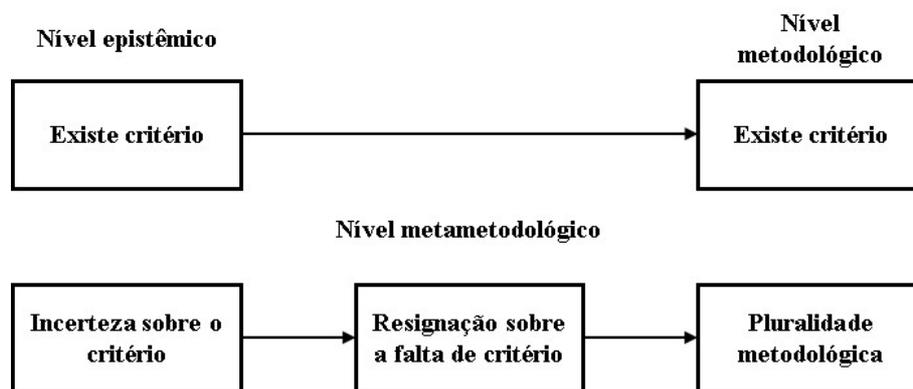


Figura 2 - O Pluralismo Crítico de Bruce Caldwell

Fonte: Cavalieri (2009, p. 170)

3. Conclusões

Através das perspectivas de Bruce Caldwell e sua proposta denominada de Pluralismo Crítico foi possível observar uma primeira discussão sobre o papel do trabalho metodológico na era pós-positivista. Com o fito de melhorar a compreensão do que é a ciência econômica, Caldwell defende que é somente através de um choque constante de uma diversidade de ideias que é possível ter posições nitidamente definidas, inteligíveis e compreendidas. Suas prescrições aos metodólogos que atuam no pluralismo compreendem a reconstrução racional do conteúdo metodológico das teorias e dos programas de pesquisa, a apresentação dos pontos fortes e fracos do conteúdo e a avaliação crítica dos pontos fortes e fracos do conteúdo revelado. Enfim, a ausência de um critério epistemológico de julgamento sobre as posições metodológicas fez Caldwell admitir o pluralismo e crer que a coexistência de teorias e métodos diferentes é benéfica para o desenvolvimento da ciência. Ou seja, ele assume uma posição metametodológica.

Referências

BIANCHI, A. M. Muitos métodos é o método: a respeito do pluralismo. **Revista de economia política**, v. 12, n. 2, p. 135-142, 1992.

BORBA, E. **O pluralismo enquanto alternativa ao monismo metodológico na economia**. Florianópolis, 2013. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas), 65f. Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina.

CALDWELL, B. J. **Beyond positivism: economic methodology in the twentieth century**. London: Routledge, [1982] 1994.

———. Does methodology matter? How should it be practiced? **Finnish Economic Papers**, v. 3, n. 1, p. 64-71, 1990.

———. The case for pluralism. In De Marchi, Nei. (org.). **The Popperian Legacy in Economics. Papers Presented at a Symposium in Amsterdam**, december 1985. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 231-44, 1988.

CAVALIERI, Marco Antônio Ribas. Sobre os porquês do pluralismo em Economia: aproximações de uma alternativa historicista. **Pesquisa & Debate**, volume 20, n. 1, p. 165-187, 2009.